

Convém observar que os vocabulos agudos (taes não existiam no latim) tambem representam a accentuação primitiva latina:

Amor	<i>amorem</i>
Jazer	<i>jacere</i>
Razão	<i>rationem</i>
Côr	<i>colorem</i>
Fiel	<i>fidelem</i>

Ainda os compostos conservam frequentemente o accento dos seus radicaes, resultando d'ahi, muitas vezes, a *accentuação dupla*: *reciprocamente*; *tropegamente*; *physico-chimica*, etc.

A prosodia vernacula deve sempre fixar a verdadeira accentuação das palavras ainda que eruditas ou literarias: *incide*, *batávo*. (1)

Existe tambem o accento proprio da phrase em prosa ou em verso, o *accento oracional*, muito sensível na conversação ou na declamação.

As excepções da *lei de persistencia do accento tonico* são assáz numerosas, embora representem pequeno *minimum* ao lado de todo o vocabulario da lingua. Aqui mostraremos os casos mais geraes da *deslocação do accento* nas palavras portuguezas:

1º) A analogia deslocou o accento em grande numero de *fórmãs verbaes*.

Como das quatro conjugações latinas, tres possulam os infinitivos graves, em *are*, *ere*, *ire*, a ultima *ere atono*, foi impellida para o caso mais geral. Assim explicam-se as deslocações do accento em:

<i>caber</i>	—	<i>cápere</i> (<i>capêre</i>)
<i>dizer</i>	—	<i>dicere</i> (<i>dicêre</i>)
<i>fazer</i>	—	<i>fácere</i> (<i>facêre</i>), etc.

Da persistencia do accento, porém, restam vestígios, nas fórmãs do futuro de alguns verbos: *far-ei*, *dir-ei*, etc., em

(1) Lembramos com estes exemplos a excellente contribuição de Ferreira dos Santos — *Duvidas e conjecturas* (1919) e *Controversias grammaticaes* — 1920. Trata o autor da accentuação de *getulo*, *batavo* e *incide* e responde a todas as criticas.

que os themas *far*, *dir*, apresentam a accentuação de *facere*, *dicere*.

A seu turno, infinitivos uma vez degenerados constituíram-se themas fixos das conjugações, a damno do accento latino:

Considerar (considerare). *Considéro* (considero).
ant. *considro*.

Imaginar (imaginare). *Imagino* (*Imágin*o).
Imaginas.

Este facto pôde ser interpretado segundo o principio: as *fórm*as de flexões conservam a accentuação do thema respectivo. Por exemplo, o accento de *amava* persiste nas variações *amávamos* (*amabámus*), *amaveis*, etc. Essa tendencia é tão geral que induz o povo a dizer no subjunctivo: *suppónhamos* em vez de *supponhám*os.

2º) A tendencia para evitar o hiato e o esdruxulo, sempre de prosodia difficil, operou a deslocação do accento. O accento passa á vogal mais clara:

Lençol	<i>lintéolum</i> .
Mulher	<i>mulierem</i> .
Parede	<i>Parietem</i> .

Em verdade, essa transformação não é romanica; era do *latim vulgar*: *linteolum*, *filiolum*, etc.

3º) A tendencia para evitar o maior esforço da articulação é uma das causas mais notaveis na deslocação do accento. D'este modo, nota-se a influencia regressiva dos grupos *br*, *tr*, *cr*, *dr*, de pronuncia difficil e que frequentemente attraem o accento. (Era a *positio debilis* do latim culto.)

Alvedrio	<i>arbitrium</i> .
Cadeira	<i>cathedram</i> .
Inteiro	<i>integrum</i> .
Alegre	<i>alacrem</i> , med. <i>alecrum</i> .
Trevas	<i>ténebras</i> .

Já tinham este accento no latim vulgar: *tenébras*, *ca-thédra*.

Note-se ainda:

4º) Quando occurriam fórmulas gregas e latinas, em geral houve obediência à accentuação latina. Em alguns casos, porém, a accentuação grega tornou-se predominante, como se vê dos seguintes exemplos:

Aconito	<i>aconitum</i>
Idolo	<i>idólum</i>
Tisana	<i>ptisana</i>
Elogio	<i>elógium</i>
Diatrise	<i>diátrise</i>
Heléna	<i>Hélena</i>

A obediência ao accento foi sobretudo notável nas fórmulas eruditas que contêm o suffixo *ia*: *academia*, *geometria*, *philosophia*, *geographia*, etc. São esdruxulos, entretanto, *comédia*, *policia* (ant. *policia*), *encyclopédia*, *hematuria*, *geodésia*, *estratégia*, *nigromância*, *filauca*, *pharmacia*, *malacia*. Não se justificam essas exceções com a prosódia latina, que em alguns casos diverge: *nigromancia*, *encyclopédia*, etc. (1)

Por influencia da prosódia franceza tem sido adoptada a pronuncia erronea de alguns vocabulos: *resedá*, *genése*, *aerostáto*.

O mesmo devia succeder com os arabismos de origem franceza como *alcázár* por *alcácer*.

Os indios no Brasil, de conformidade com a lingua tupi, tornavam *agudos* os vocabulos portuguezes: *cabará* (cabra), *cabará* (cavallo), *curusú* (cruz), etc.

A prosódia dos nomes proprios de origem grega, oriental e hebraica, etc., nunca foi definida. D'ahi a variedade de accentuações: *Dário* (Camões, III, 41; X, 21), *Cleopátra* (III, 141), *Heliogabalo* (III, 92), *Annibál* (X, 153), *Próteo* (I, 19), *Némesis* (III, 71), *Eólo* (III, 8), *Diomédes* (II, 62).

(1) A lingua latina collocava sempre o accento na vogal penultima, se esta era longa, e na ante-penultima, se a penultima era breve. Ao tomar as palavras gregas (em *eia*), se a penultima era *eta* (e grande), ahi punha o accento; se era *epsilon*, recuava-o para a ante-penultima. A mesma regra seguia quanto ao *micron* e o *omega* (longo no latim).

Deve-se preferir a prosodia latina e dizer: *Cleópatra, Agáthocles, Sóphocles, Dámocles*.

Ha casos de deslocação do accento difficilmente explicaveis: *dativa*, de *dativa*; *bahú*, de *bájulus*; *figado*, de *fi-cátum*.

Outros são meros erros de prosodia, que, apesar de combatidos, se têm vulgarizado, como *décano*, *pégada*, *bátavo*.

Notem-se a respeito da prosodia das vogaes as seguintes particularidades de alteração interna (*umlaut*):

1. A *vogal pura*, accentuada, tem o som agudo: *António*, *hómem*, *evangélho* (no Brasil *An-ton-nio*).

2. A *vogal*, quando é affectada pelo som nasal, são *reclámo*, *gánhar*, *sónhar*. Exceptua-se o caso do preterito perfeito *jantámos*, differente do tempo presente *jantamos*. Em algumas palavras a vizinhança da nasal não affecta a vogal: *Venus*, *Rheno*, *Magdalena* (onde o *e* não é nasal, mas puro).

3. Nos verbos, o som do *e* na primeira conjugação é agudo: *bérra*, *espérra*, *cérra*, *invéjo*, *néga*. Excepções: *chêgo*, *chêga*, *apedrêjo*, *alvéjo*, *fêcho*, *gargarêjo*, *desêjo*.

Na 2ª conjugação, varia. Diz-se: *merêgo*, *merêces*, *me-rêce*. *Parêgo*, *parêces*, *parêce*. *Cêdo*, *cêdes*, *cêde*. *Fâgo*, *fâzes*. *Côrra*, *côrras*. Exceptuam-se as variações de *pedir*, *pêço*, *pêdes*, e as de *poder* e *querer*: *quêro*, *quêres*; *pôssô*, *pôdes*; *pêrco*, *pêrdes*.

4. Em geral o *E* dos substantivos tirados do verbo (e para distinguirem-se d'estes) tem o som grave: *interêsse*, *arremêdo*, *gêlo*, *modêlo*, *requêbro* (tambem *requêdro*), *es-mêro*. Nas palavras femininas ha *e* agudo: *rêga*, *rêza*, *sêca* (para distinguir-se d'esta ultima, *sêcca*), *sôbra*, *prôva*.

5. Em geral o accento agudo é um recurso para distincção de vozes differentes. E' recurso nos femininos (vide regra 4ª): *formôso*, *formôsa*. E' recurso no plural: *formôso*, *formôsos*. Mas a este respeito observaremos ainda:

a) Os nomes em *oso* têm o accento grave (*bríoso*), e mudam-n'o em agudo: *bríosos* e *bríosa*.

b) Os em *or*, *oi*, *ou* conservam sempre o accento grave: *doutôres*, *doutôra*, *senhêra*; *noivo*, *boi*, *moiro*, *coisa*.

c) Todos os demais adoptam no plural ou no feminino o accento agudo que não tinham: *pórtos*, *glóbos*, *gróssos* e *gróssa*; *caróços*, *óvos*, *ólhos*, *trécos*.

Conservam o O grave os seguintes: espôsas, môças, rolas, roscas, moscas; aljofre, goia, estopa, arroba, alcova, sopa, brôa, estofa, fôrma (distincto de *fôrma*), mariposa, dorso, garoto, minhoto, perdigoto, piloto, repollo, namoro, tosco, esgoto, soco, ceroto. São ainda incertos: logro, sogro. No Brasil dizemos *lôgras, sógras e senhôra*.

a) O E ás vezes varia o timbre nas palavras que variam de genero: êste, ésta; aquêlle, aquêlla. (No Entre Douro e Minho, *êsta* por *êsta*.) A regra, porém, é conservar o accento: vêsgo, vêsga, cabeça, cabeça; vélho, vélha; cêpo, cêpas; travesso, travêssa.

Muda o timbre para distinguir palavra differente: fêz, revêz, travêssa, pêz.

6. A terminação *eda* tem o é agudo: verêda, alamêda. Os classicos diziam *moêda* (F. J. Freire, *Reflexões*, II, 107), como ainda hoje no Minho: moêda, alamêda, bodêga, verêda.

7. Contra a prosodia portugueza de hoje, dizia Duarte N. de Lião: *côros, hôrto e pôços*; e diziam-se no seu tempo: rôgos, confôrto, accôrdo, esfôrço, destrôço, estôrvo, alvorôto, contôrno, transtôrno, soccôrros. Foi essa a prosodia até o seculo XVIII, conforme attestam João de Barros, Lião, F. J. Freire, Madureira, etc. J. Soares Barbosa ainda pronuncia *contôrno*, e em Lisboa ainda o povo diz *almôços, alvorôços*, e os letrados *almôgos, alvorôgos*.

De tal ordem se definiu a supremacia do *accento* que, em regra, a quantidade só não foi violada quando coincidiu com a *accentuação* da mesma syllaba.

Facto que bem poderia representar a noção de *quantidade* na lingua é o *rhythm*o prosodico das syllabas, resultante e dependente do *accento* em qualquer vocabulo. Na pronuncia de qualquer palavra notam-se alternadamente uma syllaba forte e logo outra fraca em toda a extensão do vocabulo:

Ci-vi-li-sa-ção
Re-gu-la-ri-da-de, etc.

A observação mostra que estes vocabulos são pronunçados como o seriam as phrases imaginaveis seguintes: *cive lisa ção; rego lore dade*. Isto prova que existe um *rhythm*o

que não pôde ser destruído, nem tão pouco ser transformado em outro, v. g.: *civi lisá ção*; *regu lari dade*, etc.

E' clara a existencia do *rhythm*, e as cesuras ou accentos secundarios são dispostos alternadamente, conforme o *accento* principal. Se este cae sobre a *syllaba* ímpar, as cesuras tambem recaem sobre *syllabas* ímpares.

1 2 3 4 5 6
Ca-pil-la-ri-DA-de
Cápe lare dade

Quando o *accento* principal cae sobre a *syllaba* par, as cesuras são tambem pares:

1 2 3 4 5
Ca val ga dú ra

As excepções notam-se apenas nas palavras compostas, cujos elementos já têm os seus *accentos* determinados. Por isso não se dirá *contradizer* e sim *contradizer*.

De tudo isso se conclue que ha effectivamente tres *accentos*: a *quantidade* (duração), o *accento* propriamente dito (*altura do som*) e a *intensidade* (amplitude do som). E' esta ultima que engendra os *phenomenos* de *rhythm* acima notados.

Comquanto pouco sensiveis na *prosodia* brasileira, são alguns *valores quantitativos*, longos e breves, dignos de observancia na *recta* pronunciação das palavras, a qual não se satisfaz meramente com a observancia do *accento*.

Aqui pomos as seguintes regras como sufficientes para a quasi totalidade dos casos.

São LONGAS:

a) todas as vozes nasaes, quer *accentuadas*, quer não: *orgão*, *entender*, *amaram*, *anterior*, *homem*.

b) todas as vozes *accentuadas*, v. g., as dos exemplos anteriores.

c) todos os *diphthongos* e vozes conjunctas: *requiejão*, *taikum*, *autor*, *coitado*, *suicidio*.

d) Na poesia, as vozes que se contam unidas (*luar*, *cair*, *safa*, *paul oriente*, *diurnal*) são tambem longas em virtude da *contracção*.

e) São ainda longas por *posição* quando a vogal se lhe seguem duas consoantes ou, o que é o mesmo, a dupla x = ks: *amalgamar, atroz, retrato, reflexão, factício, pedregulho.*

São syllabas BREVES:

a) Salvas as excepções anteriores do accento e nasalidade, ás syllabas que constam de uma só vogal ou de vogal e uma só consoante: *mundo, cidade, villa, acaso, idiota.*

b) Todas as palavras enclíticas e proclíticas, em geral de uma syllaba, e os artigos: *o, a, os, as, me, te, se, nos, vos, lhes, lhe.*

IV

Origem das letras. Leis phoneticas geraes

Origem das letras. — O nosso alphabeto é o mesmo do latim.

A orthographia dos sons gregos foi-nos legada pelos escriptores romanos. Taes são os caracteres compostos: *ch*, *ph*, equivalentes a *c* e *p* aspirados, como se vê nos vocabulos: *monarcha*, *Phebo*, etc.

Os caracteres *j* e *v* foram criados nos tempos modernos para designar os sons consoantes do *i* e do *u*.

O *w*, de origem gothica, só apparece em vocabulos estranhos á lingua. Nos vocabulos allemães tem o som de *v*: *wagon*, *walsa*; nos vocabulos ingiezes tem o som de *u*: *tramway*, *water-closet*, *whist*.

O *h* serviu desde o latim para exprimir o espirito rude (notação prosodica) dos termos gregos: *rhetorica*, *rheumatismo*.

No portuguez antigo e no mesmo periodo classico, o *h* é um symbolo de aspiração de vogal ou hiato: *távoha*, *meheu*, *taboa*, *meu*. Ainda é usado com equal intuito em: *cahia* (*cair*), *sahiu*, *bahia*.

Os valores *c* e *g* do latim antigo abrandaram antes de *e* e *i* no latim barbaro e em todas as linguas romanas. Dest'arte antes do *e* e *i* o *c* = *s*, e o *g* = *j*.

Os sons molhados *ih* e *nh* formaram-se no dominio das linguas romanas, e não ha certeza de que fossem desconhecidos no latim. E' certo que em portuguez equivalem a *hi*, *ni* (sendo o *i* brevissimo): *filho*, *filio*; *venha*, *venia*; *sanha*, *sania*.

LEIS PHONETICAS

A transformação que soffreram as fórmulas latinas para chegar ao estado actual obedeceu á condição geral: realizou-

se, em regra, entre os sons *homorganicos*, isto é, entre aquelles que são produzidos por um mesmo órgão. Assim, é natural a permuta entre as *dentales*: *t*, *d*; entre as *gutturaes*: *c* e *g*, etc.

As leis de transformação, porém, não são simples quanto poderia parecer, porque são de duas ordens. As leis por assim dizer *naturaes* e espontaneas, obram no sentido da degeneração, isto é, *abrandam* os sons fortes em certos casos definidos; e em outros, também definidos, *eliminam*. Essas são as tendencias da linguagem no seu desenvolvimento natural.

Outras leis, porém, oriundas do espirito, da logica commum ou da literatura, contrariam as tendencias naturaes, *restituem perdas* onde as houve, *reforçam* sons que correriam risco de enfraquecer, e por *analogia* procuram uniformizar tendencias anteriormente estabelecidas.

Estudaremos, pois, umas e outras. Eis as mais notaveis das transformações:

1.^a **Abrandamento.** — As consoantes fortes ou surdas abrandaram-se em homorganicas sonoras. Essa transformação é peculiar ás consoantes aqui indicadas. Exemplos:

dentales	t = d	<i>vitam</i>	— vida
		<i>latum</i>	— lado
gutturaes	c = g	<i>hac hora</i>	— agora
		<i>periculum</i>	— perigo, perigoo
labiaes	p = b	<i>operam</i>	— obra
		<i>capere</i>	— caber
	b = v	<i>habere</i>	— hayer
		<i>caballum</i>	— cavallo
	f = v	<i>aurificem</i>	— ourives
		<i>defensa</i>	— deveza
dent. sibil. -s	= z	<i>mensam</i>	— mesa, mês
		<i>pensum</i>	— peso, pês

2. **Quêda** ou syncope. A vogal ou consoante desaparece; em geral a consoante média isolada, isto é, entre vogaes,

é eliminada, mas nem todas, como se vê destas em que a *quêda* é geral.

l	—	céo	—	cœlum
	—	pau	—	palum
n	—	lua	—	lunam, lûa
	—	cêa	—	cenam
d	—	cair	—	cadere, caer
	—	ser	—	sedere, seer
v	—	rio	—	rivum
		vazio	—	vacivus

Vê-se que a syncope ou *quêda* da consoante média restringe-se a *consoantes brandas* e nem todas que em geral persistem alteradas ou não. A *quêda* é frequente para o *l*, o *d*, o *n*.

3.^a **Reforço.** — E' phenomeno contrario ao abrandamento: é por isso raro na evolução de qualquer lingua, e deve ser considerado como uma reacção.

Leixar, deixar	—	laxare
Nembrar, lembrar	—	memorari.

Nesta classe entram certos vicios prosodicos e provincialismos, como a confusão tumultuaria do *b* e *v* em *boda*, *voða*, *bcspa*, *vespa*, *cobarde*, *covarde*, *taberna*, *taverna*, etc.

Os casos mais notaveis do reforço são:

a) A substituição do *l* por *r* nos grupos, talvez por facilidade da prosodia popular:

Cravo	—	clavum
Empregar	—	implicare
Prazer	—	placere
Fróco	—	flocum
Grude	—	gluten

Era mais commum na lingua antiga, *frol* (flôr), *goria* (gloria), etc. O *l* nesses grupos não conserva a analogia com *tr*, *dr* (por ausencia de *tl* e *dl*).

b) O reforço das continuas, *x* — *ss*:

Paixão	—	Passionem
Bexiga	—	Vessicam

cf. *Ximenes e Simões*.

4ª Assimilação. — Consiste na alteração que um som exerce sobre outro, dando-lhe o proprio valor phonetico. E' resultado do sentimento da euphonia e da analogia.

A *assimilação* na maioria dos casos veio do latim, onde é frequentissima.

Exemplos de assimilação encontram-se quando occorrem os prefixos *ob*, *ad*, *in*, *per*, *sub*, *cum* e nos grupos *et*, *pt*:

ob	—	omittir, por <i>ob-mittir</i>
	—	ocasião
ad	—	attender
	—	accusar
in	—	illegal
	—	immoral
	—	irradiar
sub	—	sopapo (sob + papo)
	—	sustar (substare)
cum	—	commissão
	—	collateral
pt	—	sete — <i>septem</i>
	—	roto — <i>ruptum</i>
ps	—	esse — <i>ipse</i>
	—	gesa — <i>Gypsum</i>
bs	—	esconder — <i>absconare</i>
	—	sustar — <i>substare</i>
rs	—	pessoa — <i>personam</i>
	—	pessego — <i>persicum</i>

E' frequente a *vocalização* da consoante em varios grupos: auto, autor e actor, conceição, concepção, peito (pecto), o antigo *julgar*, julgar (*judicare*), fruto.

Muitas vezes a *assimilação* é incompleta, como quando não se produz a attracção de sons identicos, mas de outros differentes. Exemplos: almoço (*ad-morsum*), caixa, *capsam*; bautisar, de *baptisare*; *consome* por *consume*.

A *assimilação* é *progressiva* ou *regressiva*. E' *progressiva*, quando a attracção entre duas letras, se exerce da precedente para a que se lhe segue. Ex.: *dozentos* (dois-centos), *trezentos* (tres-centos). E' *regressiva* no caso contrario, isto é, quando a letra que se transfórma em primeiro logar. Ex.: em *illogico*, foi a attracção do *l* da segunda syllaba que transformou o prefixo *in* em *il*. E' o caso mais vulgar.

A influencia *regressiva* nota-se ainda nas derivações *chuchar* (suchar, de *suctiare*), *choco* (socho, de *suctus*), *isso* (de *ipsum*), *gesso* (de *gypsum*).

O artigo *al* tem varios exemplos de assimilação:

as-sucar
ar-roba
az-zeite (azeite).

5.^a Conservação. — Ha sons que persistem e resistem ás transformações phoneticas; são as consoantes iniciais.

a) *A consoante inicial persiste quasi sempre, raras vezes se transforma e quasi nunca desaparece*: *fresta, fenestram; quente, calentem*, etc.

A's vezes notam-se transformações homorganicas, v. g. entre as gutturaes: *gato, cattum*. A quèda da consoante inicial, sempre rara, realiza-se em casos especiaes, que examinaremos quando se tratar da *apherese*.

6.^a Tonalidade. — A tonalidade das vogaes depende, em geral, da origem: o *ē* longo latino corresponde a *é* (*habere*, haver; *frenum*, freio); o *ĕ* breve, a *ê* (*pedem*, pé; *equam*, égua). A mesma equivalencia se nota entre *ō* e *ó* e *ö* e *ó*: *rosa*, *rósa*; *módo*; *tôdo*.

7.^a São dignos de nota os grupos consonantes em *l*, que apresentam variações caracteristicas:

pl = *ch* — *planum* — chão
— *plorare* — chorar
= *pr* — *planum* — praino
— *plantare* — prantar (e chanitar)
cl = *cr* — *clavum* — cravo
ch — *clamare* — chamar
lh — *auric'la* — orelha
tl — *rotula* — rolha.

A variedade dessas tendencias necessita ainda estudo que não foi feito até hoje.

Do que fica exposto, facil é concluir a importancia que decorre das leis phoneticas, que devem ser estudadas nos tratados especiaes.

Sem essas leis, induzidas da analyse dos factos, seria impossivel constituir a sciencia da *etymologia*, outr'ora tão entregue á arbitrariedade dos doutos e dos ignorantes.

Por meio d'ella explica-se harmoniosamente toda a evolução da phonetica do latim ás linguas modernas, evolução que se traduz pelo *abrandamento* continuo dos sons e *perda* de sons isolados e medios ao lado da *conservação* do accento e dos sons iniciaes.

Fóra d'essas tendencias, as excepções apparentes são raras e explicaveis; ora é a *euphonia* corrigindo os defeitos ou difficuldades de prosodia, ora é a acção da *analogia* procurando uniformizar, como nos verbos, todas as variações (comprimido, absolvido, em vez do latino compresso, absoluto), ora é a *acção litteraria* dos escriptores intervindo, remontando ás fontes classicas e contrariando a geração natural das fórmas vocabulares (por exemplo: *legal* em vez de *leal*), ou ainda é o influxo de vocabulos estrangeiros.

Os neologismos e as fórmas de derivação erudita não se submeteram á acção das leis, e, antes, apresentam intacto o caracter das fórmas originarias latinas. Assim, na derivação popular o suffixo *aticus* apresenta as fórmas *agem* e *age*: selvagem, viagem (de *silvaticus*, *viaticus*); mas o mesmo suffixo não soffre alteração nos vocabulos de origem litteraria; taes são os exemplos: *viatico*, *silvatico*.

Não é aqui o logar de desenvolver o estudo de questões que são proprias das *grammaticas historicas* (1) e dos tratados especiaes.

(1) Em portuguez, ha uma *Grammatica historica* de Ribeiro de Vasconcellos, mas tão commedida que é mais escassa que esta nossa, que aliás não pretende ser *historica* ou *comparativa*, mas apenas moderna e escripta segundo os principios d'aquelle methodo. Aconselhamos como leitura util o trabalho de J. Cornu, já citado, e a *Gram. hist. española* de R. Menendez Pidal (1902).

Ao rever esta edição temos o prazer de consignar a existencia de uma *Grammatica historica*, a de J. J. Nunes, Lisboa, 1919 — cuja leitura aconselhamos aos que desejarem completar os estudos da phonologia em suas varias particularidades e o recente *Idioma nacional* de Antenor Nascentes.

V

Alterações phonicas especiaes

O estudo d'essas alterações, que tinham o nome de *figuras de dicção*, não se distingue do das *leis geraes* já indicadas no capítulo antecedente, mas é uso consagrar-lhes a tenção especial.

ACCRESCENTAMENTO

As figuras de accrescentamento são as seguintes:

1. **Prothese.** — E' o augmento de sons no principio do vocabulo. Ex.: *alevantar*, *alagôa*, por *levantar*, *lagôa*.

Em Camões:

Assi que um pela infamia que *arrecêa*

Lus., I, 34.

Tornar a seu caminho *acostumado*

Lus., I, 95.

Muitos vocabulos latinos receberam a *prothese* no portuguez:

speciem — especie

spasmus — espasmo

scribere — escrever

Analysando os casos em que se realizou a *prothese*, vê-se que constituem duas classes numerosas:

1.^a Certos nomes que começam por *l* receberam o augmento de um *a*. E' muito provavel que a analogia e a reminiscencia das palavras arabes prefixadas de *al* contri-

buissem para as formações como *lanterna*, *alagôa*, etc., de origem latina.

2.ª Recebem vogal os nomes que começam por *s* impuro, isto é, seguido de consoante. Este facto explica-se pela natural dificuldade que ha na pronuncia d'aquelle *s*; *espasmo*, *especie*. De sorte que ou o *s* augmenta-se de uma vogal, *espasmo*, ou desaparece: *pasmo*, *sciencia* (que se lê *siencia*). Por isso é que houve prothese de *e*, vogal surda, em *csphera* (*sphera*); *esperança* (*sperantiam*), *espada* (*spatha*), *estar* (*stare*), etc.

2. Epenthese. — E' a addição de sons no meio dos vocabulos. Ex.: *caravelha*, em vez de *cravelha*. Em Camões:

E depois que ao Rei apresentaram

Lus., II, 9.

Nota-se a *epenthese* na etymologia de varias palavras:

garupa — *clupeam*

fevereiro — *februarius*, *febrarius*

lanterna — *laternam*

mancha — *maculam* (e *manculam* do lat. v.)

minha — *meam*.

Pretendem alguns explicar a presença epentethica do *n*, como sendo a transposição da flexão *m*, nasal, do accusativo:

maculam — *manculam* — *mancha*

Em taes casos, parece mais razoavel admittir a prolongação da nasalidade do *m* inicial: *ma mã*. Cf. *muíto*, onde o nasal sóa no começo e no fim da primeira syllaba (*muí*).

3. Epithese ou *paragoge*. — E' a addição de sons no fim do vocabulo. E' rara na lingua escripta, porém frequentemente observada nos provincialismos e entre os vícios pro-sodicos: *martyre*, por *martyr*.

A epithese do *s* occorre na formação das particulas:

antes — ante

O povo diz ainda, *aíndas*, *certamentes*, etc. Veja *Particulas* e o *s* característico. E' um facto das linguas românicas.

Entre as figuras de accrescimo devem ser incluídos os dous casos especiaes conhecidos sob os nomes de *tmese* e *dierese*.

A *tmese* em portuguez consiste na intercalação dos pronomes enclíticos nas fórmãs do futuro e do condicional: *farte-ia, amar-te-ia*.

A *dierese* não consiste em addição de elementos phonicos, mas na aspiração da vogal, para evitar um diphthongo. Ex.:

caia e cahia
sairam e sahiram
traição e trahição (*Lus.*, II, 17)

O phenomeno opposto chama-se *synerese*, que é quando se ajuntam vogaes separadas. Hoje diz-se: *sau-da-de*. Camões dizia sempre *sá-u-da-de*.

Ha um processo popular, denominado pelos antigos grammaticos *parectase*, que consiste na adjuncção de elementos phonicos intermedios, por necessidade de euphonia. Já notado no latim:

drachume — gr. *drachmé*.

Esta tendencia ampliou-se na decadencia da lingua, nos romances que deram origem ás linguas *neo-latinas* e nos textos aljamiados do espanhol e portuguez. Foi feita pela *parectase* que se dissolveram muitos grupos consoantes:

Caravana — *harvorn* (arabe)

A acção erudita tem concertado os destroços d'esta tendencia, mas arbitrariamente o povo diz: *baravo* e *bravo*, *periquito* e *prequito*, *talara-avô* e *tatra-avô*, *caravelha* e *cravelha*, *brôa* e *borôa*, *crôa* e *corôa* *taramela* e *tramela*, *glotão* e *golo-tão*.

SUPPRESSÃO

As figuras de suppressão são as seguintes:

1. *Apherese*. — A *apherese* consiste na subtracção dos sons iniciaes do vocabulo. Ex.: *postema*, por *apostema*; *letria*, por *aletria*

Nos poetas não é raro encontrar *esmaiar* por *desmaiar*, *espedaçar* e *despedaçar*.

E em Camões *estruir* por *destruir*:

Mas seguindo a victoria *estruie* e mata

Lus., I, 90.

E tambem *li* e *até li* (ali) ainda hoje usual:

O que delle *até li* não entendera.

Nota-se a apherese na degeneração de varios vocabulos latinos:

Pasmo	de	<i>spasmus</i>
Tisana	"	<i>ptisanam</i>
Botica	"	<i>apothecam</i>
Gume	"	<i>acumem.</i>

E perdas de syllabas inteiras no correr das transformações da lingua: *beira* (de ribeira), *fundo* (profundo), *Tiago* (Sant'Iago), *cobrar* (de recobrar).

Um facto digno de nota é a apherese dos elementos *o*, *a* e *l*. Estas letras, como se sabe, representam o artigo vernaculo: *o*, *a* e a fórma archaica *lo*. D'ahi, os resultados *bo-dega*, por *abodega*; *dispo*, por *obispo* (como no castelhano); *onça*, por *lonça* (no lat. *lynxem*); *azul*, por *lazul* (pers. *lazuerd*), etc.

Essa conjectura não é destituída de fundamento, pois deve-se ter em conta que o *l* é a unica consoante que soffre apherese, e porque é a unica? As outras só experimentam apherese nos raros casos em que não se ligam á vogal, e constituem um grupo barbaro, quasi impronunciavel, v. g.: *pt* em *ptisana*. (1)

2. **Syncope.** — E' a suppressão de sons no meio do vocabulo. Ex.: *mór*, em vez de *maior*, e *benino* (benigno).

(1) O *l*, dissemos, é a unica consoante que soffre a apherese. Em *germanus* (irmão) não houve apherese de *g*; a palavra *irmão* ou *ermão* é provavelmente a fórma castellana *hermano*, e, se o não fôr, o som de *g* é aqui igual ao de *j*, e consequentemente uma semi-vogal: *fermão*, *terrnão*, *ermão*. O caso da suppressão do *d* explica-se pela analogia dos prefixos *des* e *ex*: *esmaiar*, *desmaiar*.

Em Camões:

Que a ilha é possuída da malina
Gente.

Lus., I, 99.

Da barra *imiga* e terras suspeitosas

Lus., II, 59.

Que a neve está *contino* pelos montes

Lus., III, 8.

E' preciso notar que *imigo* é a fôrma primitiva na lingua. *Inimigo* é uma instituição literaria.

O mesmo succedeu a *perla* transformada depois em *perola*.

Dest'arte em geral a *syncope* é um phenomeno anterior e primitivo.

A *syncope* é um des phenomenos mais communs da phonologia historica. Exemplos:

ver	—	<i>videre</i>
leal	—	<i>legalem</i>
mealha	—	<i>metalliam</i>
véo	—	<i>velum</i>

E' um dos recursos da euphonia: *idolatra* por *idololatra*.

Sempre existem na lingua antiga os exemplos que attestam a transição d'essa lei: *veer*, depois *ver*; *maao*, depois *mão*. *Imos* e *is* (*Lus.*, IV, 91) por *ides*.

3. **Apocope.** — Consiste na suppressão de sons ao fim do vocabulo. Ex.: *carcer*, *marmor*, em vez de *carcere*, *marmore*.

Quando Jupiter alto *assi* dizendo

Lus., I, 23.

O uso de *lhe* por *lhes* é de todos os classicos antigos.

São *apocopes* conhecidas: *são* (santo), *cem* (cento), *tam* (tanto), *gran* (grande), etc., estudadas como formas contractas.

A *apocope* ou queda de sons finais é um dos phenomenos caracteristicos na formação de todas as linguas romanas:

ama — *amat*
amam — *amant*
nunça — *nunquam*
causa — *causam*

Em geral essas perdas datam do latim barbaro.

E perdas de syllabas: *dom* (de *domno*, *dominus*), frei (freire), (*Leal Cons.*: segum fama, segum diz), Fonseca, Castel Verde, Monforte, Monreal.

Entre os casos de subtracção devemos considerar as seguintes figuras:

Elisão ou *Synalepha*. — E' um caso especial da apocope, e consiste na subtracção da vogal final de um vocabulo, quando se lhe segue outra palavra que começa por vogal.

Exemplos:

minh'alma — minha alma
d'Almeida — de Almeida.

O habito da *synalepha* na pronuncia fazia com que os classicos escrevessem *dalmeida*, *dalvarez*; etc. Ainda hoje se escrevem *Dantas* (d'Antas), *Dornellas* (d'Ornellas) e o cognome italiano *Doria* (d'Oria).

Ecthlipse. — E' a propria *synalepha*, e dá-se quando a vogal que termina o vocabulo é nasal. Nos *Lusiadas*:

Co'o sangue mouro barbaro e nefando (III, 75).

Camões foi até empregar *se*, por *sem*:

Se aproveitar dos homens força e arte.

Lus., VI, 73.

Este caso deve ser interpretado pela *liaison* da nasal, muito commum na metrica camoniana, que os poetas de hoje não admittem.

TRANSPOSIÇÃO

Os phenomenos de transposição foram muito frequentes nos antigos tempos da lingua, e são conhecidos sob o nome de

Metathese. — Consiste na transposição dos sons do vocabulo. Exemplos: *rosairo*, em vez de *rosario*; *pormenor*, em vez de *promenor* (1); *geolho* e *joelho*, *chimpar* e *pinchar*, *tanchar* e *chantar*.

Eis alguns exemplos historicos:

andorinha	—	<i>hirundinam</i>
primeiro	—	<i>primarium</i>
choupo	—	<i>pop'lum</i> (<i>pl</i> = <i>ch</i>)
trevas	"	<i>tenebras</i>
copo	—	<i>poculum</i>
moela	—	<i>medullam</i> (miolo).

(1) Em Portugal: *esburgar*, *estrovar*, *cravão*, *cravinho*, *detreminar*, na pronuncia vulgar.
